

# ERRO E ACERTO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: A PERCEPÇÃO DE DOCENTES E DISCENTES SOBRE O ERRO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Laiane Larissa Bezerra Florêncio<sup>1</sup>

Gislayne Maria da Silva Marques<sup>2</sup>

Jamile Roberta Santos<sup>3</sup>

Amanda Katielly da Silva Moura<sup>4</sup>

Orientador do Trabalho: Otávio Augusto Chaves Brandão dos Santos (Prema)<sup>5</sup>

## RESUMO

O sucesso acadêmico é frequentemente associado apenas aos acertos, desconsiderando os erros como parte do processo de aprendizagem. Diante desse cenário, esse trabalho discute como docentes e discentes da Educação Básica de algumas escolas do Agreste pernambucano compreendem e lidam com o erro no ambiente escolar. Enquanto metodologia, utilizamos uma abordagem qualitativa GOLDENBERG (2001) por meio de questionários a professores/as da rede pública e privada, a partir disso, analisamos as percepções construídas no cotidiano educacional. Como referencial teórico, utilizamos DWECK C. (2017), VYGOTSKY L. (1991), FREIRE; FAUNDEZ (1985), PIAGET J. (1976) e HOFFMANN J. (2018). Os resultados indicam que muitos estudantes desenvolvem bloqueios por medo de errar, o que acaba por inibir a criatividade, e que alguns docentes ainda punem o erro, reforçando a ideia de fracasso. No entanto, outros professores reconhecem o erro como instrumento pedagógico, utilizando-o para reorientar práticas e promover reflexões. Concluímos que o erro pode ser ressignificado e transformado em oportunidade de aprendizagem, assim como em um instrumento didático tendo um papel na expressão e na aquisição de saberes e conhecimentos. Para isso, é importante que haja mudança na postura docente e nas estratégias avaliativas, para que essas não foquem apenas no produto final, mas que possam ser ferramentas processuais e formativas.

**Palavras-chave:** Erro, Avaliação, Aprendizagem, Educação básica, Docência.

## INTRODUÇÃO

Esse artigo é fruto de discussões tecidas, durante o segundo semestre de 2024, no grupo de Estudos Pesquisas e Extensão Popular: Educação e Ancestralidade, assim como na disciplina de Avaliação da Aprendizagem que faz parte do currículo da

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [laiane.larissaf@ufpe.br](mailto:laiane.larissaf@ufpe.br);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [gislayne.marques@ufpe.br](mailto:gislayne.marques@ufpe.br);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [jamile.roberta@ufpe.br](mailto:jamile.roberta@ufpe.br);

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [amanda.katielly@ufpe.br](mailto:amanda.katielly@ufpe.br);

<sup>5</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [otavio.achaves@ufpe.br](mailto:otavio.achaves@ufpe.br)



Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco no Centro Acadêmico do Agreste UFPE - CAA.

A partir disso, destacamos o quanto o conceito de “erro” e “acerto” pode repercutir na educação e na vida dos estudantes. Partimos de uma perspectiva freireana (FREIRE; FAUNDEZ, 1985), na qual o ato de se fazer perguntas é fundamental para uma formação humana que proporcione autonomia, conscientização e problematização da realidade. Assim, ao invés de uma “pedagogia das respostas” a qual inibe a participação e uma relação dialógica entre professores/as e estudantes, propomos uma reflexão que considere o erro enquanto um importante aspecto pedagógico durante o processo educativo. Dessa forma, o erro não deve ser punido, mas, sim, observado enquanto uma oportunidade de aprendizagem e de compreensão do modo de raciocínio de cada estudante.

Nesse sentido, nossa *semente*<sup>6</sup> da pesquisa é: Erro e acerto no processo de aprendizagem: A percepção de docentes e discentes sobre o erro na Educação Básica. A partir dessa semente, tecemos nossa problematização a partir da seguinte pergunta geradora: Como se dá a tessitura de percepções de alguns docentes e discentes da educação básica sobre o erro no processo de aprendizagem? Por meio dessa pergunta, temos o seguinte objetivo geral: Refletir sobre a tessitura de percepções de alguns docentes e discentes da educação básica sobre o erro no processo de aprendizagem.

## METODOLOGIA

De acordo com Goldenberg (2001, p. 14), a pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão de fenômenos sociais. Assim, ao investigar o erro e o acerto no contexto escolar, buscou-se observar a tessitura entre as percepções de docentes e discentes da rede básica de ensino. Optou-se, portanto, por uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e explicativo, por possibilitar uma análise sensível e interpretativa das percepções dos

---

<sup>6</sup> (Optamos por, ao invés de nos referirmos ao termo “objeto de pesquisa”, utilizarmos o termo “semente da pesquisa”, cunhado pelo Grupo de Estudos Pesquisas e Extensão Popular: Educação e Ancestralidade. O termo “objeto de pesquisa” nos gera certo estranhamento, por sugerir uma relação hierárquica e dual no que se refere ao par: sujeito-objeto; assim, optamos por usar “semente da pesquisa”, pois é dela que todo o trabalho brota).



sujeitos envolvidos, visando compreender seus discursos, vivências e concepções no ambiente educacional.

A pesquisa também apresenta natureza bibliográfica e de campo, pois se apoia em referenciais teóricos sobre o tema e realiza a coleta de dados diretamente com professores e estudantes da Educação Básica. O estudo foi desenvolvido em três instituições de ensino, sendo duas da rede pública municipal de Riacho das Almas e uma instituição privada de Camocim de São Félix, ambas situadas no Agreste Pernambucano. Participaram 26 professores e 51 estudantes do Ensino Fundamental I e II, abrangendo docentes de diversas áreas, como Matemática, Ciências, Geografia, Educação Física, Letras, Pedagogia (1º ao 5º ano) e Atendimento Educacional Especializado (AEE), além de profissionais da gestão escolar, como coordenadora pedagógica e gestora. Para manter a integridade e o sigilo dos colaboradores, não foram identificadas as escolas nem os participantes.

Como instrumento de coleta de dados, foram elaborados questionários semiestruturados no Google Forms, aplicados em dois formatos: virtual e impresso. O uso do Google Forms foi escolhido devido à sua acessibilidade, praticidade e segurança, o que possibilitou uma ampla participação dos envolvidos e garantiu o anonimato das respostas. Os questionários continham questões objetivas e abertas, elaboradas com o intuito de compreender as percepções de professores e alunos acerca do erro e do acerto no processo de aprendizagem.

Os participantes foram convidados a responder perguntas que abordavam desde a forma como os erros são identificados e corrigidos até a relevância atribuída a eles no desenvolvimento do aprendizado. Esse método de coleta de dados buscou compreender como alunos e professores percebem e lidam com os erros em sala de aula, favorecendo a identificação de diferentes perspectivas e desafios vivenciados no cotidiano escolar.

As informações coletadas foram analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), permitindo identificar categorias de sentido e padrões interpretativos nas respostas dos participantes.

Em relação aos aspectos éticos, foram assegurados o anonimato dos participantes e o sigilo das instituições envolvidas. Por se tratar de uma pesquisa de caráter não experimental, com participação voluntária e sem identificação direta dos sujeitos, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, em conformidade com as diretrizes do Conselho Nacional de Saúde (Resolução nº 510/2016).



## REFERENCIAL TEÓRICO

### O erro como elemento formador no processo de aprendizagem

Paulo Freire (1985) propõe uma *pedagogia das perguntas*, em oposição à pedagogia das respostas prontas. Essa contribuição corrobora para uma prática reflexiva que considera o processo de construção do conhecimento como uma ação que provoca a curiosidade do estudante, em contrapartida a uma prática meramente mecanizada. Assim como enfatiza em sua obra *Por uma Pedagogia da Pergunta*, Freire traz contribuições significativas para o entendimento de que o erro, no processo de aprendizagem, é um fenômeno natural e que deve haver espaço para o diálogo entre professor e estudante.

Nesse viés, o ambiente educativo deve ser favorável para que o estudante aprenda com seus erros. Afinal, o autor enfatiza que um contexto em que se pode perguntar, em vez de apenas responder, torna-se extremamente rico e facilitador da aprendizagem. Segundo Freire, “A existência humana é, porque se fez perguntando, à raiz da transformação do mundo. Há uma radicalidade na existência, que é a radicalidade do ato de perguntar.” (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 27). Dessa forma, ao discutir tal perspectiva, surge o questionamento de que, na maioria das vezes, o estudante que erra é punido, e essa postura acaba gerando bloqueios de interação com o meio social, dificultando o aprendizado. Isso ocorre porque, muitas vezes, o que se espera é apenas o acerto, desconsiderando que o erro também constitui parte essencial do processo de aprendizagem. Em adição o autor Lev Vygotsky salienta que:

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar apenas quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. [...] Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas (VYGOTSKY, 1991, p. 101).

Dessa forma, o autor estabelece uma relação direta entre o sujeito e sua Zona de Desenvolvimento Proximal, evidenciando que o aprendizado se concretiza por meio da interação com o outro. No contexto escolar, o erro pode ser compreendido como parte desse processo, pois revela o momento em que o estudante ainda necessita da mediação



do professor para avançar cognitivamente. Assim, em vez de ser punido, o erro deve ser valorizado como indicativo de potencial de aprendizagem, um ponto de partida para a construção do conhecimento por meio da interação e do diálogo.

Em sua teoria da equilibração, Piaget (1976) explica que o desenvolvimento cognitivo se dá por meio de um processo contínuo de desequilíbrios e reequilíbrios, nos quais o erro desempenha papel fundamental. O erro, longe de representar um fracasso, indica o momento em que o sujeito precisa reorganizar seus esquemas mentais para alcançar um novo nível de compreensão. Assim, aprender é um movimento constante de reconstrução e superação de desequilíbrios cognitivos.

### **A avaliação como instrumento de diagnóstico e reflexão da aprendizagem**

A aprendizagem baseada no erro é amplamente discutida na educação básica, embora, professores e alunos ainda enfrentam dificuldades em compreender o erro como parte fundamental do processo de aprendizagem. Grande parte da comunidade escolar ainda acredita que o erro revela fracasso ou incapacidade, o que compromete o potencial de desenvolvimento. Nesse contexto, o foco da avaliação deve ser repensado, não apenas como instrumento de julgamento, mas como ferramenta de diagnóstico e reflexão sobre a aprendizagem. Conforme a autora Jussara Hoffmann:

Todo o “erro” é um ponto de interrogação a exigir uma nova resposta/ação do professor tendo em vista a evolução do aluno. Essa ação mediadora dependerá, além disso, de conhecer o aluno em questão e das múltiplas dimensões do conhecimento desenvolvidas nas situações da sala de aula. (HOFFMANN, 2018, informação verbal.)

Nessa perspectiva, a autora considera o resultado da avaliação como um instrumento de diagnóstico, revelando que, ao errar, o estudante gera uma resposta ao professor que indicará a necessidade de uma nova ação, levando em consideração sua evolução. Nesse viés, a autora ainda salienta que essa ação deve ser mediadora e orientar o estudante. Segundo Dweck (2017), compreender o erro como oportunidade de aprendizagem é essencial para o desenvolvimento. A autora destaca que “quando as pessoas acreditam que suas qualidades mais básicas podem ser desenvolvidas, veem os erros como oportunidades para aprender e se aprimorar” (DWECK, 2017, p. 7). Para Dweck, o erro é um elemento normal e fundamental no desenvolvimento de



potencialidades, e saber lidar com ele é indispensável para que a avaliação reflita o progresso do estudante de forma construtiva.

Como caracteriza a autora, “o erro é um sinal de que o cérebro está sendo desafiado, e essa é a maneira mais eficaz de promover o crescimento e a aprendizagem” (DWECK, 2017, p. 12). No contexto educacional, lidar com os erros ainda é complexo para professores e estudantes, que frequentemente os veem como falhas. Entretanto, reconhecer o erro como oportunidade permite que as avaliações sejam instrumentos de reflexão, mostrando não apenas o que já foi desenvolvido, mas também o que pode ser aprimorado. A autora ainda explica que existem duas formas de interpretação do erro.

O *mindset* fixo cria a necessidade constante de provar o próprio valor. Se o indivíduo acredita possuir apenas uma quantidade limitada de inteligência, determinada personalidade e certo caráter moral, sentirá a necessidade de provar que essas características são suficientes. Já o *mindset* de crescimento se baseia na crença de que é possível cultivar as qualidades básicas por meio do esforço e da experiência. Embora as pessoas possam diferir em talentos, interesses ou temperamentos, todas são capazes de se modificar e desenvolver por meio da dedicação (DWECK, 2017, p. 10).

Dessa forma, a autora explica que o erro em uma avaliação pode ser interpretado de maneiras distintas, dependendo da mentalidade do indivíduo. Quem possui mentalidade fixa acredita que suas qualidades básicas são imutáveis, enxergando o erro como sinal de incapacidade. Já aqueles com mentalidade de crescimento entendem que suas habilidades podem ser desenvolvidas por meio de esforço e dedicação, interpretando o erro como parte do processo de aprendizagem. Essa distinção é essencial para compreender o ambiente escolar, onde, muitas vezes, o erro é visto como fracasso.

Na perspectiva da avaliação, estudantes e professores/as com mentalidade fixa tendem a interpretar os resultados como falhas pessoais, enquanto os com mentalidade de crescimento os veem como instrumentos de diagnóstico, capazes de revelar oportunidades de aprimoramento. Assim, a avaliação deixa de ser apenas um registro de desempenho e se torna um mecanismo de análise, reflexão e orientação do processo de ensino-aprendizagem.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos questionários aplicados a estudantes e professores resultou em duas categorias analíticas principais:

- Categoria 1: Percepção e sentimentos ante o erro no processo de aprendizagem;
- Categoria 2: Práticas docentes e estratégias avaliativas frente ao erro.

Categoria 1 – Percepção e sentimentos ante o erro no processo de aprendizagem.

Obtiveram-se respostas de 51 estudantes.

Sentimentos ao cometer algum erro:	Respostas
Motivado a melhorar	34
Frustrado	12
Inseguro/Desapontado/Triste	3
Indiferente	2

Tabela 1 – Sentimentos dos estudantes em relação ao erro

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

Embora a maioria dos alunos manifeste uma reação positiva, demonstrando motivação para melhorar, um percentual significativo (15 estudantes) expressa sentimentos negativos. Essa constatação indica o risco de bloqueios emocionais no processo de aprendizagem, confirmando estudos como os de Dweck (2017), que evidenciam a influência da mentalidade fixa na reação ao erro. Percebe-se que alguns estudantes criam bloqueios após serem diagnosticados como “errados”. Mesmo que a maioria apresente um viés de incentivo, não se podem desconsiderar os demais números, pois sentimentos negativos podem, futuramente, resultar em desmotivação para os estudos ou até mesmo evasão escolar, especialmente quando os erros não são abordados de maneira coerente e desejável.

Ações dos estudantes após o erro:	Respostas
Tenta entender o erro	29
Pede ajuda ao professor/colegas	16



Ignora e segue adiante	6
------------------------	---

Tabela 2 – Reações comportamentais dos estudantes diante do erro

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

O fato de alguns alunos ignorarem o erro indica um problema na mediação educativa e na compreensão do erro como ferramenta de aprendizagem. Tal cenário relaciona-se ao que propõe Hoffmann (2018), ao considerar o erro como um “ponto de interrogação” que estimula reflexão e intervenção docente. Os resultados mostram que 29 estudantes tentam entender o que fizeram de errado, 16 buscam ajuda de professores e colegas, e 6 preferem ignorar o erro. Idealmente, não deveria haver respostas na última alternativa, uma vez que a omissão diante do erro revela desinteresse e falta de curiosidade sobre o próprio processo de aprendizagem.

Percepção sobre a utilidade do erro:	Respostas
Sempre ajuda na aprendizagem	26
Às vezes ajuda	20
Não ajuda	4
Não sabe	1

Tabela 3 – Percepção dos estudantes sobre o impacto do erro na aprendizagem

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

A terceira questão investigou se o estudante considera que os erros contribuem para a aprendizagem. Os dados indicam que ainda há uma parcela que não reconhece o erro como parte essencial do processo educativo. Essa situação é preocupante, pois demonstra que a compreensão do erro como instrumento formativo ainda não está consolidada. As respostas negativas e indefinidas evidenciam lacunas na prática pedagógica, coincidindo com a crítica freireana à “pedagogia das respostas prontas”, que dificulta a problematização e a autonomia discente (Freire, 1996).

Opinião sobre o feedback dos erros:	Respostas
Feedback ajuda a entender melhor o conteúdo	26
Feedback às vezes ajuda	24
Feedback não ajuda	1





Tabela 4 – Percepção dos estudantes quanto ao feedback sobre erros

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

A sexta questão investigou se o feedback sobre os erros auxilia na compreensão do conteúdo. Verificou-se que 26 estudantes acreditam que o feedback é útil, 24 afirmam que ele ajuda apenas às vezes e 1 considera que não contribui para o entendimento. Os resultados indicam que quase metade dos estudantes não percebe o feedback como ferramenta de aprendizagem efetiva, o que suscita a necessidade de repensar a qualidade e a intencionalidade do retorno docente. Conforme Vygotsky (1991), o feedback deve atuar como mediação, promovendo o avanço cognitivo dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Tal prática, associada à mentalidade de crescimento proposta por Dweck (2017), pode fortalecer a percepção positiva sobre o erro e o processo de aprender.

### Categoria 2 – Práticas docentes e estratégias avaliativas frente ao erro

Assim como os estudantes, os professores também participaram da pesquisa. Foram entrevistados 26 docentes de diferentes áreas e níveis de ensino, cujas respostas apresentaram variação na frequência do uso do erro como instrumento pedagógico.

Frequência de utilização do erro como ferramenta:	Respostas
Sempre	9
Frequentemente	11
Às vezes	6

Tabela 5 – Frequência de utilização do erro nas práticas docentes

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

Idealmente, o uso do erro como instrumento pedagógico deveria ser constante, em consonância com Vygotsky (1987) e Hoffmann (2018), que defendem uma avaliação formativa e mediadora, centrada no processo e nas potencialidades dos estudantes. A resposta “às vezes” evidencia que o uso do erro ainda não é compreendido plenamente como parte do ensino-aprendizagem.



Postura docente frente ao erro:	Respostas
Enfatiza o erro para promover aprendizagem	6
Minimiza o erro e foca nos acertos	2
Explica detalhadamente erro e acerto	18

Tabela 6 – Posturas docentes diante do erro na aprendizagem

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

A maioria dos docentes demonstra empenho em explicar detalhadamente os erros e acertos, o que revela uma postura reflexiva e construtiva, alinhada às concepções de Piaget (1976) e Freire (1996), que entendem o erro como parte integrante da construção do conhecimento.

Reação dos alunos ao feedback:	Respostas
Ficam motivados	17
Ficam desmotivados	5
Ficam indiferentes	4

Tabela 7 – Percepção docente da reação dos alunos ao feedback sobre erros

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

Os dados indicam que a maioria dos alunos reage de forma motivada ao feedback. No entanto, há casos de desmotivação e indiferença, o que evidencia a necessidade de aprimorar as estratégias de devolutiva docente. A diversidade nas reações reforça a importância de práticas avaliativas que considerem os aspectos emocionais do aprendizado, conforme defende Dweck (2017).

Visão docente sobre erro e progresso acadêmico:	Respostas
Erro é essencial para o aprendizado	12
Deve ser evitado, mas faz parte do processo	10
Faz parte do processo, mas não deve ser enfatizado	4

Tabela 8 – Percepção docente sobre a influência do erro na aprendizagem

Fonte: Pesquisa de campo (2024).



Verifica-se que ainda há docentes que consideram o erro algo a ser evitado, o que revela uma visão tradicional e punitiva da avaliação. Essa postura contrasta com as concepções de Freire (1996) e Hoffmann (2018), que defendem o erro como parte essencial da prática pedagógica reflexiva. Os dados permitem observar divergências entre as percepções de professores e estudantes. Ainda existem resistências em reconhecer o erro como elemento estratégico e central no processo formativo, o que pode comprometer a construção de práticas avaliativas democráticas e formadoras. Os resultados obtidos, embora representem uma amostra reduzida, contribuem para compreender a realidade educacional contemporânea e a necessidade de ressignificar o papel do erro e do acerto na aprendizagem.

Os resultados demonstram que, apesar dos avanços observados, ainda persistem barreiras conceituais e práticas na utilização pedagógica do erro. A visão predominante de associar o erro ao fracasso apresenta potencial para gerar bloqueios emocionais nos estudantes, comprometendo o aprendizado e a criatividade, o que confirma a reflexão de Dweck (2017) acerca da mentalidade fixa. A insegurança e o medo de errar manifestados por alguns discentes decorrem, em grande parte, da ausência de feedbacks construtivos e do receio de punições, reforçando a concepção equivocada de que apenas o acerto conduz ao sucesso acadêmico. A atuação dos docentes ao reconhecer o erro como elemento pedagógico constitui um indicativo promissor de mudança; entretanto, a variação na frequência e na intencionalidade de seu uso revela que sua dimensão formativa ainda não se encontra plenamente consolidada. Conforme aponta Hoffmann (2018), o papel do professor mediador é essencial para transformar o erro em oportunidade de avanço cognitivo e desenvolvimento crítico, o que reforça a necessidade de formação continuada voltada a essa perspectiva.

Além disso, a percepção docente sobre a motivação dos estudantes diante do feedback evidencia a relevância de práticas avaliativas dialógicas, em consonância com o conceito de avaliação libertadora proposto por Freire (1996). Tal abordagem rompe com a lógica da avaliação bancária e promove um espaço de co-construção do conhecimento, no qual o erro é compreendido como parte legítima do processo de aprendizagem.

Conclui-se, que a pesquisa evidencia a urgência de repensar as políticas e as práticas avaliativas no âmbito da Educação Básica, de modo que estas transcendam o julgamento do produto final e passem a valorizar o processo, as tentativas e as reconstruções de saberes, portanto, a valorização pedagógica do erro representa um



caminho promissor para a consolidação de uma cultura avaliativa mais humana, formativa e emancipadora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo refletir sobre as percepções de docentes e discentes da Educação Básica acerca do erro no processo de aprendizagem, buscando compreender e ressignificar o papel que ele desempenha no ambiente escolar.

Os resultados evidenciam que, embora a maioria dos estudantes reconheça o erro como um instrumento de aprendizagem e muitos professores o utilizem de forma construtiva, ainda há uma parcela significativa que o associa a sentimentos negativos, como frustração e insegurança. Essa percepção pode gerar bloqueios e prejudicar o desenvolvimento cognitivo e criativo, reforçando a mentalidade fixa descrita por Dweck (2017) e limitando o engajamento dos alunos no processo formativo.

Entre os docentes, observa-se uma diversidade de posturas diante do erro. Predominam práticas que buscam utilizá-lo como oportunidade de reflexão e crescimento, conforme defendem Piaget (1976) e Hoffmann (2018). No entanto, ainda persistem abordagens que o tratam como algo a ser evitado, o que restringe seu potencial formativo e inclusivo, contrariando perspectivas de avaliação mediadora propostas por Freire (1996) e Vygotsky (1991).

A importância do papel do professor como mediador é reafirmada, pois é por meio de sua intervenção sensível e reflexiva que o erro deixa de ser um obstáculo e se torna uma ferramenta de aprendizagem, resiliência e construção do conhecimento. Tal constatação evidencia a necessidade de transformar práticas avaliativas, promovendo feedbacks formativos que incentivem a autonomia, o diálogo e o enfrentamento dos desafios como oportunidades de crescimento.

Dessa forma, o erro deve ser ressignificado no contexto educativo, superando sua concepção punitiva e sendo reconhecido como um elemento essencial para a aprendizagem crítica e significativa. Para isso, é fundamental investir na formação continuada dos professores, de modo que possam desenvolver metodologias e avaliações que valorizem o processo, respeitem as singularidades dos estudantes e favoreçam um ambiente escolar mais inclusivo e produtivo.



Conclui-se que a construção de práticas educacionais democráticas e humanizadoras depende dessa mudança de paradigma: o erro, antes associado ao fracasso, deve ser compreendido como um aliado no processo de ensino-aprendizagem, capaz de impulsionar o desenvolvimento integral dos aprendizes. Assim, reforça-se a necessidade de novas pesquisas que aprofundem a compreensão sobre o papel do erro na formação docente e na promoção de uma educação mais reflexiva, crítica e transformadora.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

ESTEBAN, Maria Teresa; LOUZADA, Virginia; ECKHARDT, Fabiana. ENTREVISTA COM JUSSARA HOFFMANN. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 54, p. 275-283, jul. 2018. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198203052018000300275&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198203052018000300275&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 23 out. 2024.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991.

PIAGET, Jean. *A equilibração das estruturas cognitivas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

DWECK, Carol S.. *Mindset: a nova psicologia do sucesso*. Tradução S. M. de Carvalho. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

